

Ovação de uma estrela

Aquele 12 de outubro em Santa Rosa foi cristalizado em uma gravação, feita direto da mesa de mixagem do Bobby Som. Mercedes Sosa estava acompanhada no palco pelos músicos Nicolás Brizuela (violão), Oscar Alem (baixo) e Osvaldo Avena (percussão). O material está sob guarda do historiador Tau Golin, que produzia o programa *Continente Latino-Americano*, na rádio Imembuí, de Santa Maria.

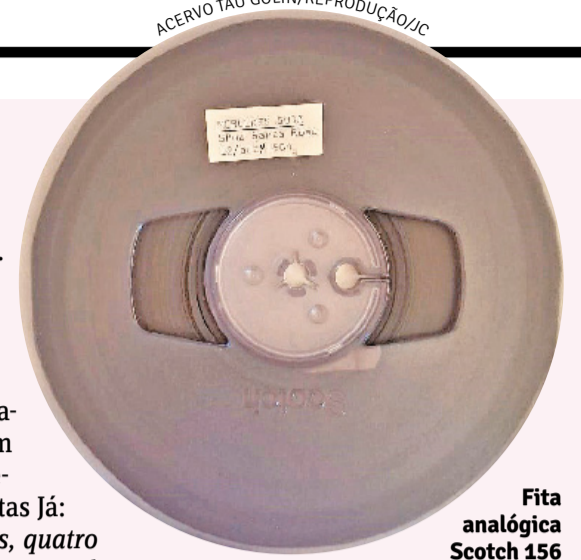
Escutando a fita, percebe-se que logo nos primeiros compassos o público grita e assobia. Mercedes Sosa agradece e começa a cantar o repertório de seu novo LP, mesclado com canções de protesto, que o público pedia, como *Solo le pido adiós*, do argentino León Gieco, e *Maria, Maria*, do brasileiro

Milton Nascimento.

Já no final do espetáculo, apelou pela segunda vez ao público: “Se vocês gritam eu não me escuto. Estamos em uma cancha de futebol, mas não somos jogadores. *Despacito*, por favor”. Então apresentou versões em espanhol das já conhecidas *Vira virou* (Kleiton Ramil) e *Semeadura* (José Fogaça/ Vitor Ramil), para vibra-

ção da plateia.

Após o último acorde, o público de Santa Rosa entoou uma palavra de ordem comum naquele ano de Diretas Já: “Um, dois, três, quatro cinco mil, queremos eleger o presidente do Brasil”.



Fita analógica Scotch 156 preserva cada momento do espetáculo

A redenção de uma canção

Vinícius Brum assistiu ao show de 1984 ao lado de Sérgio Jacaré e Marô Silva, letristas de *Alquimia*, canção que ficou entre as finalistas. O músico descreve o Estádio Municipal Carlos Denardin: “tinha um campo de futebol e uma pequena arquibancada, o resto era barranco na volta. Um espaço enorme e estava cheio. A maioria ficou de pé em frente ao palco, montado no lugar de uma das goleiras”.

O que mais marcou Vinícius naquela noite foi a performance de *Siembra*. “A coisa mais bonita dessa história é de como o tempo consegue recuperar coisas que a gente acha que são irreparáveis. A canção que ganhou a Califórnia em 1980 na linha de projeção folclórica, *Semeadura*, foi recebida com muita contra-

riedade, chegou a ser vaiada”, pontua. Quatro anos depois, estava no *setlist* de Mercedes Sosa e foi ovacionada. “É uma canção daquele final de ditadura, nessa onda do prosseguir, companheiro e tal. Foi a redenção de uma canção que tinha ficado estigmatizada no meio nativista”, afirma.

Vinícius guarda também histórias dos bastidores, contadas pelo amigo e contemporâneo de Santa Maria, Luiz Carlos Borges, idealizador do festival. Entre elas, a de que foi buscar Mercedes Sosa em Porto Alegre, vinda de Buenos Aires, com a companhia do acordeonista Raulito Barboza, responsável por intermediar o convite para que se apresentasse em Santa Rosa.

Borges foi um dos principais acordeonistas e compositores na-

tivistas. Faleceu em 2023 e teve em seu currículo parcerias com Mercedes Sosa, que nasceram a partir daquele primeiro encontro. Eles ficaram tão próximos que fizeram uma turnê pela Europa, antes da morte da cantora em 2009.

Já sobre o surgimento do Musicanto, Vinícius narra que em 1983 convidaram Borges para secretário de Cultura de Santa Rosa, depois de sua experiência em São Borja, coordenando o festival de 300 anos da cidade. “Aí o Borges recuperou uma ideia que andava na cabeça de todo mundo, lá em Santa Maria, no início dos anos 1980. De fazer um festival da América Latina. Até porque deram carta branca para ele criar uma coisa diferente”, recorda.



Mercedes Sosa concede entrevista coletiva em Santa Rosa, logo antes do show

Vinícius comenta que há um paradoxo em um show de Mercedes Sosa, em Santa Rosa, em 1984. “Hoje seria absolutamente inconcebível. O segmento

mais conservador da sociedade ir buscar uma artista que, além da questão estética, tem uma relação com militantes de esquerda”, reflete.



Mercedes Sosa cantou repertório do então disco novo e canções consagradas

Uma estrela mundial em Santa Rosa

O jornalista Juarez Fonseca lembra que, nos anos 1970, a Califórnia da Canção de Uruguiana não aceitava o ritmo do chamamé, porque não era considerado cultura do Rio Grande do Sul. No entanto, o Musicanto começa se abrindo para o Brasil e o continente. “O Borges sempre foi um cara aberto, que gravou com o Dominginhos, com o Antonio Tarragó Ros. Era um grande músico, sem preconceitos”, diz.

Juarez começou a cobrir os festivais nativistas em 1974, para o jornal Zero Hora. Ao longo da

carreira, entrevistou Mercedes Sosa diversas vezes. “A Mercedes é uma deusa da canção latino-americana. E o show foi maravilhoso, como todos os shows dela foram maravilhosos. Foi um acontecimento pelo fato de uma grande estrela mundial estar cantando em Santa Rosa”, avalia.

O cantor e compositor Sérgio Rojas estava lá na plateia naquele Musicanto e viria a ganhar a edição seguinte. “Todos nós nos emocionamos, nos abraçamos. O Manolo chorava, um cara enor-

me, que apresentou *Vire o mate* no festival. Ele olhou a Mercedes e ficou louco. Esse momento em que tu convives, que tu estás vivo ali... Fui testemunha de um momento extraordinário.”

Rojas viria a se aproximar de Mercedes Sosa quando ela se apresentou em Uruguiana, em 1987, e a acompanhá-la em turnê pelo Brasil. Para celebrar o aniversário de La Negra, neste 9 de julho, Sérgio Rojas apresenta um show no dia 10 em homenagem a Mercedes Sosa no Espaço 373, em Porto Alegre.

Um baque de irmandade

Para Tau Golin, a vinda de Mercedes Sosa “foi um baque”, pelo significado transcendental da arte nos momentos históricos e por demonstrar irmandade. Em um momento do show, conta que

levantou um cartaz pela liberdade dos presos políticos do Chile. “Eu passei com o cartaz e larguei em cima da caixa de retorno. Mas escorregou e caiu no chão. Ela veio cantando, pegou e colocou

na posição certa”, rememora.

O historiador acredita que o festival motivou e estabeleceu pontes. “Houve vozes contrárias, principalmente pelos posicionamentos políticos dela. Mas um

respeito muito grande”, avalia. Contudo, lamenta que depois, não só o Musicanto, mas os festivais em geral, aproximaram-se de um “gauchismo civista, de fundamentalismo tradicionalista”.

João Vicente Ribas é jornalista da Emater/RS-Ascar, editor da newsletter *Canciones para despertar en Latinoamérica* e professor da especialização em Cultura e Música Latino-Americana da Universidade de Passo Fundo.

